

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL – IPADES**

RECUPERAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA, EXPERIÊNCIAS EXITOSAS

Francisco Benedito da Costa Barbosa

Sócio Fundador – IPADES

A Mata Atlântica estende-se do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, atingindo também a parte sul de Mato Grosso do Sul, numa área de 1,3 milhão de km² abrigando uma população de 124 milhões de habitantes. É dona de uma das mais impressionantes diversidades biológicas do planeta e cenário dos principais cartões-postais do Brasil, e forma um dos blocos de florestas tropicais do país.

Separada da Amazônia pelos biomas Cerrado e Caatinga (caracterizados por vegetações abertas), a Mata Atlântica foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Reserva da Biosfera por ser um ambiente megadiverso composto por um amplo complexo de regiões com formações vegetacionais e geológicas férteis e exuberantes. Parte expressiva da sua fauna e flora é endêmica, ou seja, não ocorre em nenhum outro lugar do planeta.

A megadiversidade vem da sua gênese há milhões de anos na formação do que hoje são o Nordeste, o Leste e o Sul do Brasil. Como as florestas eram contínuas, a Mata Atlântica foi marcada por períodos de contatos com outras florestas do continente sul-americano, como a floresta amazônica, intercalados por períodos de isolamento. Esta alternância de contato e isolamento com outros habitats resultou em uma intensa diferenciação de fauna e flora, gerando a elevada diversidade biológica e ocorrências únicas que se encontra hoje no bioma.¹

A combinação de três fatores geográficos: grande variação da latitude, situação compartilhada com poucas florestas tropicais do planeta; variação de altitude, com seus ecossistemas ocupando áreas desde o nível do mar até áreas a mais de 2.500 metros; variação da longitude com as florestas interioranas diferindo significativamente

das florestas que estão localizadas mais próximas do litoral. Esses fatores criaram uma diversidade única de paisagens, e também ajuda a explicar essa extraordinária diversidade de espécies da região.

Ainda que a concentração de investimentos em pesquisa na região Sudeste torne a Mata Atlântica, em termos relativos, o bioma com maior conhecimento da sua biodiversidade biológica e com mais extenso acervo científico, observa-se ainda o desconhecimento de parte significativa de sua biodiversidade. Como exemplo cite-se o que foi descoberto entre 1990 e 2006, mais de 1.190 novas espécies de plantas.²

Em virtude da sua riqueza biológica e dos alarmantes níveis de ameaça, a Mata Atlântica, ao lado de outras 33 regiões localizadas em diferentes partes do planeta, foi indicada por especialistas como um dos *hotspots*, ou seja, uma das prioridades para a conservação de biodiversidade em todo o mundo.³

No esforço pela conservação desse patrimônio brasileiro várias são as entidades – públicas e privadas – e também as ações que buscam sua preservação. Há inúmeras áreas de grande valor biológico, cultural, recreativo, científico, educacional, além da importância para a economia, pelos serviços ambientais que proveem. Os governos federal e estadual mantêm as seguintes Unidades de Conservação:

Parque Nacional Histórico do Monte Pascoal, no sul da Bahia, onde se localiza o Monte Pascoal, marco do descobrimento do país;

Parque Nacional da Serra dos Órgãos, em Teresópolis (RJ), local de atração turística;

Parque Nacional da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, onde encontra o monumento do Cristo Redentor no morro do Corcovado;

Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, protege as Cataratas do Iguaçu, reconhecidas como um dos sítios do Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, além de ter sido eleita uma das sete maravilhas do mundo;

Parques Nacionais da Serra Geral e Aparados da Serra, entre os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina;

Parque Estadual do Rio Doce, em Minas Gerais, que protege um dos sistemas de lagos mais importantes do país;

Parque Estadual da Serra do Mar, no Estado de São Paulo, maior unidade de conservação da mata Atlântica.

O setor privado vem assumindo um papel cada vez mais importante na conservação, já que a maioria dos remanescentes de vegetação nativa da Mata Atlântica encontra-se em propriedades particulares. As Reservas Particulares do Patrimônio Nacional (RPPN) têm contribuído significativamente para a conservação da biodiversidade, complementando o trabalho do poder público.

Embora pequenas, as RPPN constituem uma excelente ferramenta para as estratégias de formação de corredores e proteção de zonas de amortecimento de grandes unidades públicas, visto que em muitos municípios a única unidade de conservação existente ou a ser implantada é uma RPPN, que se constitui nesses casos como a única forma de proteção dos remanescentes de biodiversidade regionais.

O trabalho das RPPNs já vem de um bom tempo. Em 1988, em trabalho pioneiro liderado pelo professor Ricardo Ribeiro Rodrigues, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), no município de Itacemópolis, iniciaram a restauração florestal de um reservatório de água, após uma forte seca e a cidade sofrer com a falta de água. A metodologia que nasceu daí fincou raízes Brasil afora e ganhou credibilidade a ponto de ser uma das referências analisadas para a formulação do Pacto de Restauração da Mata Atlântica, elaborado por um conjunto de organizações não governamentais e apresentado em novembro de 2007, em Vitória, Espírito Santo. 4

Os relatórios de trabalho desse grupo da Esalq descrevem restaurações de matas em terras de empresas de papel e celulose no Rio Grande do Sul, Bahia e Paraná, em fazendas de cana-de-açúcar em São Paulo, de café em Minas, de soja no Pará e de pecuária em São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em 15 anos as equipes do Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal da Esalq restauraram 3.500 hectares de matas ciliares. Um resultado ainda tímido, mas que funciona como o *start* na ampliação das RPPNs.

Engenheiros agrônomos e florestais, e biólogos desse grupo agem em conjunto com organizações não governamentais e com representantes do poder público, em especial promotores, que pressionam os proprietários para que cumpram a lei, no tocante a recomposição das áreas de proteção permanentes APPs, e áreas de reserva legal (RL) das propriedades.

A motivação dos proprietários de terras não é filha do medo da lei ou do amor pela natureza, mas da necessidade de certificação ambiental, indispensável para obter financiamento, retorno econômico nas áreas de reserva legal e vender seus produtos em outros países. Vender sementes de árvores empregadas na restauração de florestas também pode ser um bom negócio. Um quilograma de semente pode custar até R\$ 2.000, dependendo do tamanho da semente e da dificuldade de coleta.

Matas imperfeitas, antes desprezadas, ganharam valor ecológico e econômico. A vegetação secundária – assim chamada para se diferenciar da vegetação primária, que guarda a estrutura e a diversidade de espécies da floresta original – é agora vista como uma das bases para um ambicioso plano de ampliação da Mata Atlântica.

Em 2009, representantes de organizações não governamentais, empresas e universidades anunciaram em São Paulo o Pacto pela Restauração da Mata Atlântica, cuja meta é recuperar 15 milhões de hectares de florestas até 2050, uma média de 300 mil a 400 mil hectares por ano. 5 Essas áreas, ainda mais facilmente que os pastos abandonados, em geral com vegetação mais empobrecida, poderiam ser enriquecidas com espécies locais e interligadas com fragmentos maiores a custos menores que a restauração de terrenos sem nenhuma vegetação, de acordo com a metodologia da equipe da Esalq/USP

Hoje os fragmentos de vegetação secundária em diferentes estágios de crescimento – a maioria em propriedades particulares – ocupam uma área que corresponde a quase o dobro da de Mata Atlântica primária ainda existente.

Não será por falta de propostas que as florestas brasileiras deixarão de crescer outra vez. Há opções de restauração para grandes e pequenos produtores, de modo que a rentabilidade das áreas recuperadas tenha cada vez mais atrativo econômico. Tão cedo provavelmente não haverá consenso sobre qual o melhor método, mas os especialistas concordam hoje em dois pontos: o uso de espécies nativas, já que o risco de as exóticas morrerem logo é alto, e da maior diversidade possível de espécies.

É importante que o exemplo que ocorre na Mata Atlântica seja estendido aos demais biomas brasileiros, pois além da restauração da vegetação, cria-se uma consciência preservacionista que contribuirá para o equilíbrio entre preservar e produzir, com ganho para toda a sociedade.

NOTAS

- 1 SILVA, J. M. C. & CASTELETI, C. H. M. Estado da biodiversidade da Mata Atlântica brasileira. In: GALINDO-LEAL, C. e CÂMARA, I. G. (eds.). *Mata Atlântica: biodiversidade, ameaças e perspectivas*. Belo Horizonte: Fundação SOS Mata Atlântica, Conservação Internacional e Center for Applied Biodiversity Science, 2005. p. 43-59.
- 2 SOBRAL, M. & STEHMANN, J. R. An analysis of new angiosperm species discoveries in Brazil (1990-2006). *Taxon*, v. 58, n. 1, p. 227-231, 2009.
- 3 MITTERMEIER, R. A.; GIL, P. R.; HOFFMANN, M.; PILGRIM, J.; BROOKS, J. MITTERMEIER, C. G.; LAMOURUX, J.; FONSECA, G. A. B. *Hotspots Revisited: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions*. Washington, D.C.: Cemex, 2004.
- 4 FIORAVANTI, C. Semeadores de florestas. *Revista Pesquisa Fapesp*, n. 144, fev., p. 38-42, 2008.
- 5 FIORAVANTI, C. Verde multiplicado. *Revista Pesquisa Fapesp*, n. 159, maio, p. 38-39, 2009.